

.....

Aborda a motivação e o autoconceito e seu papel na constituição da subjetividade, mediante um enfoque sócio-histórico baseado na análise qualitativa do estudo de caso. Utiliza como método a entrevista semi-estruturada, realizada com 19 estudantes universitários do curso de Pedagogia de duas instituições de ensino, uma pública e outra particular, de Brasília-DF. Conclui que os alunos têm uma percepção favorável do autoconceito dos estudantes com relação ao curso de Pedagogia, no que se refere à motivação para a escolha do curso, à valorização da instituição, à estrutura e à organização do curso, à oportunidade para realização da prática pedagógica e à formação direcionada à docência.

Palavras-chave: Subjetividade. Motivação. Autoconceito.

This study deals with motivation and self-concepts and their role in building subjectivity, through a socio-historical focus based on a qualitative analysis of the case study. Methodologically, semi-structured interviews with 19 university students of Education in two institutions were employed, one public one and one private, in Brasília, DF. The conclusion is that the students have a favorable view of their self-concept as regards the course, concerning motivation for course selection, institution valuation, course structure and organization, opportunity for pedagogical practice and teaching-oriented training.

Keywords: Subjectivity. Motivation. Self-concept.

O Autoconceito e a Motivação na Constituição da Subjetividade: Conceitos e Relações

Teresa Cristina
Siqueira Cerqueira

Professora da Universidade Federal
de Roraima, cedida para Faculdade
de Educação da UnB.
teresacristina@unb.br

Ana da Costa Polonia
Professora da Fundação
Educaional do DF, cedida para
Faculdade de Educação da UnB.
polonia@unb.br

Celeida B. G. Cintra Pinto
Professora contratada do curso
de Pedagogia da Faculdade de
Ciências da Educação do Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB.

Fausto Calaça G. de Castro
Professor substituto da
Faculdade de Educação da
Univesidade de Brasília - UnB.
faustocalaca@unb.br

Maria Eleusa Montenegro
Professora do Centro Universitário
de Brasília, pesquisadora da UnB.
Professora aposentada da
Universidade Federal de Goiás - UFG.
mmontenegro@terra.com.br

Vitorina Angélica M. Zinato
Professora contratada do curso
de pedagogia da Faculdade de
Ciências de Educação do Centro
Universitário de Brasília - UniCEUB.
vzinato58@ig.com.br

1 Introdução

O campo de estudo da psicologia caracteriza-se por uma diversidade de paradigmas e teorias sobre a condição humana. Entre as várias categorias elaboradas pela ciência psicológica, uma das mais atuais é a subjetividade, a qual pretende explicar o universo psicológico da existência humana. A constituição da subjetividade é um processo complexo, o que conduz à permanente busca de referências bibliográficas nesse campo de estudo.

Neste trabalho, foram abordados dois aspectos da subjetividade: a motivação e o autoconceito, buscando-se a compreensão desses constructos psicológicos mediante uma abordagem sócio-histórica.

Para esse propósito, os dados foram colhidos entre estudantes universitários do curso de Pedagogia, com o objetivo de verificar a influência do autoconceito e da motivação sobre a subjetividade dos alunos do curso.

A importância do estudo justifica-se no momento em que a educação formal vem sendo questionada pela sociedade, e o curso de Pedagogia, como um dos grandes responsáveis pela formação do educador, vem so-

frendo os reflexos das críticas, o que tem causado certa desvalorização do professor (LIBÂNEO, 1995). Nesse sentido, o estudo busca perceber quais são o autoconceito e a motivação dos estudantes com relação ao curso de Pedagogia.

... o estudo busca perceber quais são o autoconceito e a motivação dos estudantes com relação ao curso de Pedagogia.

A primeira parte do trabalho analisa os conceitos de subjetividade, autoconceito e motivação, segundo as diferentes abordagens efetuadas por pesquisadores da área de Psicologia; a segunda parte versa sobre a metodologia utilizada e, por fim, são apresentadas as considerações finais sobre o tema.

2 Subjetividade: Conceitos e Relações

O conceito de subjetividade é bastante estudado atualmente no âmbito da Psicologia Científica. Diante das diferentes interpretações do termo e das diversas correntes teóricas existentes, buscou-se sua explicação em teóricos da área de Educação e Psicologia, cujo enfoque está relacionado ao conhecimento sócio-histórico ou progressista.¹

Na atualidade, um dos autores que mais têm contribuído para a questão da subjetividade é o cubano Fernando Luis González Rey (2002). Ele afirma que obrigatoriamente a subjetividade conduz o indivíduo e a sociedade a uma relação

indivisível, em que ambos aparecem como momentos da subjetividade social e da subjetividade individual.

Sobre o conceito de subjetividade, Castro (2003, p. 51) enfatiza que “o estudo da personalidade só é possível quando se considera a noção de subjetividade” e que “a história do sujeito psicológico é a história de sua constituição e, numa dimensão cultural, essa história está em permanente reconfiguração, reinterpretção e ressignificação”.

Por configurações Rey (apud CASTRO, 2003, p. 52) entende as “categorias complexas, pluridimensionais, que representam a unidade dinâmica sobre a qual se definem os diferentes sentidos subjetivos dos eventos sociais vividos pelo sujeito”.

Segundo Rey (2002, p. 37), a subjetividade individual constitui-se na sua integração com a subjetividade social, e ambas convivem de modo inter-relacionado, sem predominância de uma sobre a outra. A subjetividade individual é “determinada socialmente, mas não por um determinismo linear externo, do social ao subjetivo, e sim em um processo de constituição que integra de forma simultânea as subjetividades social e individual”. Rey ressalta, ainda, que “o indivíduo é um elemento constituinte da subjetividade social e, simultaneamente, se constitui nela”. A subjetividade, portanto, é “um sistema processual, plurideterminado, contraditório, em constante desenvolvimento, sensível à qualidade de seus momentos atuais, o qual tem um papel essencial nas diferentes opções do sujeito”. A subjetividade apre-

¹ O termo *sócio-histórico*, no âmbito das abordagens sobre a subjetividade, é utilizado por Fernando G. Rey e significa que as funções psíquicas devem ser entendidas como “processos permanentes de significação e sentidos”. Por teoria progressista, entende-se aquela que leva em consideração os aspectos sócio-econômico-políticos e culturais (LIBÂNEO, 1985).

sesta-se como definição ontológica de uma representação histórico-cultural da psique, mediante a qual são superadas as dicotomias e fragmentações que, de forma histórica, têm orientado os estudos dos aspectos psíquicos da educação (ibidem, p. 37).

Os autores clássicos da Psicologia Sócio-Cultural (Vygotsky, Leontiev, Luria, etc.) quase não utilizam o termo subjetividade. Entretanto, usam os conceitos de objetivo e subjetivo ao explicar a consciência. A esse respeito, Leontiev diz que o problema principal reside em compreender a consciência como um produto subjetivo, como uma manifestação diferente das relações essencialmente sociais que são materializadas pela atividade do homem no mundo objetivo. Leontiev diz ainda que o psiquismo existe de uma forma dupla: a primeira forma, objetiva, manifesta-se na vida e na atividade; a segunda forma, subjetiva, manifesta-se na reflexão, na introspecção, na consciência de si próprio – é a forma posterior, secundária e genética que aparece no ser humano (apud MAGALHÃES-VILHENA, 1980).

Vygotsky (2000) afirma que, até então, os teóricos não haviam considerado que “o fazer com outros” constituía indicador bem mais significativo sobre o desenvolvimento mental do que o conseguir “fazer sozinho”. Assim, sua contribuição para a teoria construtivista foi evidenciar a aprendizagem não como atividade individual, mas, principalmente, como atividade social.

Quanto ao desenvolvimento, as funções do nível social aparecem antes das do nível individual. Segundo Vygotsky (2000, p.

75), “todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pes-

soas (interpsicológica) e, depois, no interior da criança (intrapicológica)”. Daí se deduz que a subjetividade resulta da interação social.

A subjetividade envolve necessariamente a dialética que existe entre o meio e o homem, sendo o subjetivo o reflexo objetivo da realidade. A atividade objetiva (prático-material) é o ponto de partida para a construção da subjetividade, da consciência.

Para ampliar o entendimento do conceito, surgiu o conceito de *subjetividade social*. Segundo Rey (2003), o conceito “foi introduzido em um momento histórico de busca, contradição e auge da psicologia latino-americana, que se caracterizou pela tentativa de estabelecer umas psicologias próprias, comprometidas com a vida e as práticas sociais em nossos países (década de 1980), o que acentuou a ênfase na psicologia social”.

A compreensão da subjetividade implica acreditar que o sujeito é mais do que ele pode mostrar em suas ações, transcendendo sua realidade permeada pelas suas emoções. Dois constructos importantes e que merecem destaque no estudo da subjetividade são o *autoconceito* e a *motivação*.

3 Motivação e Autoconceito: Constructos da Subjetividade

Do ponto de vista da dialética progressista, a motivação é um conceito que

A compreensão da subjetividade implica acreditar que o sujeito é mais do que ele pode mostrar em suas ações...

se forma a partir da ação do homem no mundo, constituindo-se uma interação decorrente da atividade do homem sobre o meio e deste sobre o homem. Des-

sa forma, as condições materiais de existência do homem são determinantes e determinadas por sua motivação. A classe social a qual o indivíduo pertence, suas oportunidades educacionais, sua vida profissional, sua realidade concreta são fundamentais para sua motivação.

A seguir, são apresentadas algumas abordagens que referenciam historicamente os conceitos de motivação e de autoconceito.

Segundo Witter (apud GARCIA, s.d.), a estrutura de classes interfere na motivação. Para a autora, uma escola que privilegia a criança da classe média, no arranjo das situações de ensino, nas matérias didáticas, nos valores e atitudes vigentes e nos padrões verbais e de interação humana, pode ser pouco motivadora para uma criança de outra classe social. Assim, crianças de baixa renda, além de não terem seus repertórios e motivações aproveitados pelas escolas, são também desatendidas e até mesmo características de seu comportamento são desrespeitadas.

Para transformar essa situação, Garcia (s.d.) diz serem necessárias mudanças fundamentais na concretude das relações materiais e históricas da vida em sociedade, além, é claro, de modificações específicas no campo educacional. Portanto, para se entender tanto a motivação quanto o auto-

Segundo Garcia (s.d.), o autoconceito positivo e a autovalorização são também aspectos importantes a serem incentivados. Como uma categoria também dialética, a motivação tem que ser entendida em seu processo integrador e integrado e não como um construto acabado.

A motivação é um fator fundamental no processo de desenvolvimento do ser humano. Todas as ações do indivíduo são guiadas por motivos que se constituem num desafio constante para ele. Os motivos humanos ativam o organismo, orientam e reforçam as condutas humanas, buscando atingir de forma satisfatória determinados objetivos e um conseqüente grau de satisfação.

A motivação favorece a organização dos estudos, o acompanhamento das mudanças, a aprendizagem e o crescimento pessoal e profissional.

Segundo Tapia e Fita (1999, p. 77), a motivação envolve “um conjunto de variáveis que ativam a conduta e orientam um determinado sentido para poder alcançar um objetivo” e, para eles, “estudar a motivação consiste em analisar os fatores que fazem as pessoas empreender determinadas ações dirigidas a alcançar objetivos”.

Esses autores (ibidem) identificam quatro classes de motivação ligadas à conduta humana e aos processos de aprendizagem. Dentre elas, interessam

a este trabalho apenas duas, citadas a seguir:

- Motivação relacionada ao eu e à auto-estima, decorrente dos aspectos relacionais e afetivos ligados ao processo de ensino e de

aprendizagem. Os êxitos e fracassos definem o autoconceito do aluno, ajudando-o a formar uma imagem positiva ou negativa, motivando sua confiança e sua auto-estima, impulsionando-o a seguir adiante, realizar novas aprendizagens.

- Motivação centrada na valorização social (motivação de afiliação), ligada à satisfação

... a motivação tem que ser entendida em seu processo integrador e integrado e não como um construto acabado.

conceito, é necessário considerá-los dentro da estrutura social em que o indivíduo está inserido e que a mudança social deste está condicionada à alteração das situações concretas de seu contexto social.

afetiva, que leva à aceitação do outro, à aprovação de pessoas ou de grupos sociais.

O ser humano precisa ser orientado para que aprenda a traçar objetivos adequados e eficazes para conseguir atingir um grau de motivação que leve à realização de algo desejado. O professor deve orientar e estimular o aluno a ter um bom desempenho acadêmico, como forma de conseguir sucesso no processo de aprendizagem e satisfazer seus motivos relacionados ao autoconceito.

O autoconceito, para L'Ecuyer (1978), é uma dimensão psicológica complexa e que se modifica e se reestrutura segundo o desenvolvimento do indivíduo. Observa-se essa complexidade na própria literatura sobre a questão, na qual se percebe não haver consenso sobre a definição de autoconceito. Essa falta de consenso pode ser notada nas definições que se seguem:

Para Tamayo, (1981) o autoconceito compreende um conjunto de percepções, sentimentos, traços, valores e crenças que o indivíduo reconhece como fazendo parte dele mesmo; é ainda um processo psicológico cujos conteúdo e dinamismo resultam de uma interação das determinações individuais e sociais.

Para Fierro (1981), o autoconceito é, na realidade, mais do que conceito. É um conjunto de conceitos, de representações, de juízos descritivos e valorativos a respeito do próprio sujeito. Tal conjunto se refere a si mesmo sob diferentes aspectos: o próprio corpo, o próprio comportamento, a própria situação e as relações sociais.

Para Lummertz e Baggio (1986), o autoconceito consiste em um conjunto de atitudes e crenças inter-relacionadas que um indivíduo tem a respeito de si próprio, sendo que essas crenças, produto de sua interação social, são organi-

zadas hierárquica e sistematicamente, formando uma estrutura na qual alguns aspectos são mais resistentes a mudanças do que outros.

Cooley e Ayres (1988) consideram que o autoconceito é importante na vida

O ser humano precisa ser orientado para que aprenda a traçar objetivos adequados e eficazes para conseguir atingir um grau de motivação que leve à realização de algo desejado.

social dos jovens e rege as relações destes com seus familiares, amigos, companheiros, professores e outros. É nessa relação com o meio social que o autoconceito é aprendido. Pode-se afirmar, de acordo com essa perspectiva, que o autoconceito surge da inter-relação de três instâncias essenciais da pessoa: sua auto-imagem, sua imagem social e sua imagem ideal. É a partir da discrepância entre a auto-imagem e a imagem ideal que se determinará o grau de aceitação do indivíduo.

Oliveira (1991) e Mosqueira (1977, apud CERQUEIRA, 1991) fazem uma distinção entre os conceitos: o autoconceito apresenta-se como a percepção que o indivíduo tem de si mesmo, decorrente da maneira como ele se vê; a autoimagem constitui-se um sinônimo do autoconceito que enfatiza o aspecto social; e a auto-estima refere-se a uma atitude valorativa (positiva ou negativa) do indivíduo em relação a si mesmo, isto é, o sentimento que ele tem por si mesmo. Esses três conceitos são diferentes, mas não necessariamente isolados uns dos outros.

De acordo com Cerqueira (1991), o autoconceito estrutura-se por meio da relação do indivíduo consigo mesmo, com seu corpo e com seu meio social. É um conceito dinâmico, que evolui de acordo com as experiências do sujeito e só pode ser compreendido mediante a avaliação

das múltiplas variáveis que o afetam.

O autoconceito não representa uma identidade estática que independe das relações sociais do indivíduo; ele é dinâmico, ou seja, ele se modifica em função das experiências do sujeito, assim como pode influenciá-las. Desta forma, pode-se entender o autoconceito como uma

O autoconceito não representa uma identidade estática que independe das relações sociais do indivíduo... ele se modifica em função das experiências do sujeito...

variável do comportamento humano que intervém neste, influenciando a avaliação que o indivíduo faz de si mesmo, de seu comportamento e de sua movimentação nas diversas situações sociais.

Desde o nascimento, a criança passa a fazer parte de um grupo no qual os indivíduos estabelecem relações importantes para o processo de formação da subjetividade. Essas relações, em decorrência de sua natureza, influenciam de forma significativa as percepções que o sujeito tem de si mesmo e dos outros, contribuindo para a formação do seu autoconceito, que é um dos elementos integrantes de sua identidade pessoal.

A fim de se perceber a motivação e o autoconceito na constituição da subjetividade dos estudantes do curso de Pedagogia, utilizou-se como instrumento metodológico a entrevista semi-estruturada, cujos resultados expomos a seguir.

4 Metodologia

Os participantes da pesquisa foram 19 estudantes do curso de Pedagogia, entre o segundo e o penúltimo semestre, de ambos os sexos e com de idade a partir de 16 anos a 27 anos, provenientes de duas instituições de nível superior, uma pública e outra particular. Não

foram coletados dados sobre os estudantes do primeiro e do último semestre, tendo em vista que o objetivo da pesquisa era verificar tais constructos (motivação e autoconceito) no decorrer do curso e não no seu início ou final, o que poderia indicar a presença de outras variáveis. Os primeiros por estarem

ingressando na universidade e os últimos por estarem concluindo mais uma etapa da formação profissional.

Este trabalho foi baseado no estudo de caso em uma abordagem qualitativa. O instrumento usado para a coleta dos dados, conforme já mencionado, foi a entrevista semi-estruturada, com o objetivo de analisar a constituição da subjetividade em relação ao autoconceito e à motivação.

4.1 Procedimentos

As entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2005, com estudantes do curso de Pedagogia que participavam do projeto de pesquisa e da disciplina “Projeto III – Autoconceito e Motivação”.

As entrevistas foram gravadas e seguiu-se um roteiro preestabelecido contendo dez questões referentes à escolha do curso e ao perfil profissional; às expectativas dos alunos em relação ao curso; à identificação de características favoráveis e desfavoráveis ao desempenho do papel profissional e descrição das mudanças pessoais na trajetória do curso. Ressalte-se que os alunos se ofereceram para participar da pesquisa.

5 Análises Parciais dos Dados

As respostas das entrevistas foram categorizadas levando-se em consideração as informações dos alunos. É importante ressaltar que os participantes, pela

natureza da entrevista, tiveram liberdade para emitir suas opiniões quanto às questões formuladas.

As categorias selecionadas para o trabalho, bem como a análise dos dados, são apresentadas a seguir:

- *Escolha do curso e da instituição*

Os alunos responderam que a escolha do curso de Pedagogia ocorreu porque tinham interesse em trabalhar na área educacional ($n=18$); seguido pelo currículo atraente ($n=6$); a oportunidade de aprovação do vestibular ($n=5$); e, por último, a influência de familiares e de professores na sua trajetória escolar ($n=3$) (v. Gráfico 1).

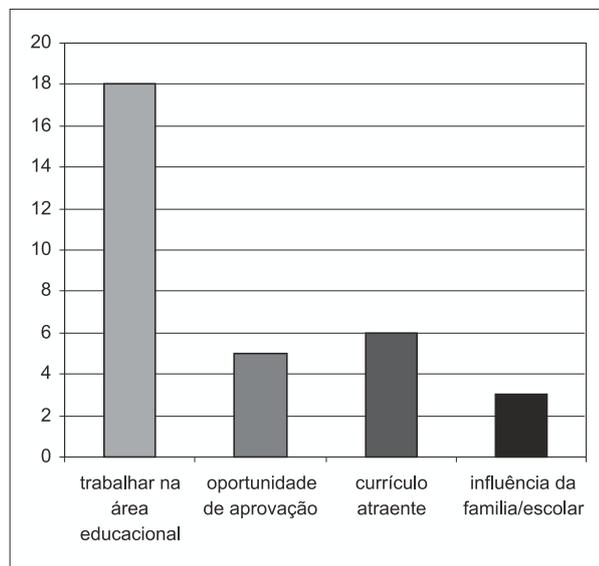


Gráfico 1 - Caracterização da escolha do curso de pedagogia pelos alunos

No que diz respeito à escolha da instituição para realizar o curso, os alunos indicaram os seguintes requisitos: formação profissional de qualidade; prestígio e reconhecimento da instituição; e condições financeiras do aluno para assegurar sua formação e realização pessoal. Pode-se perceber que os alunos, em sua maioria, fazem suas escolhas considerando a qualida-

de do ensino, preocupados não apenas com a conclusão do curso, mas com a qualificação profissional deles. O prestígio da instituição na cidade é um outro ponto que leva o aluno escolher o local da realização de sua formação. As condições financeiras e de realização pessoal foram as de menor frequência (v. Gráfico 2).

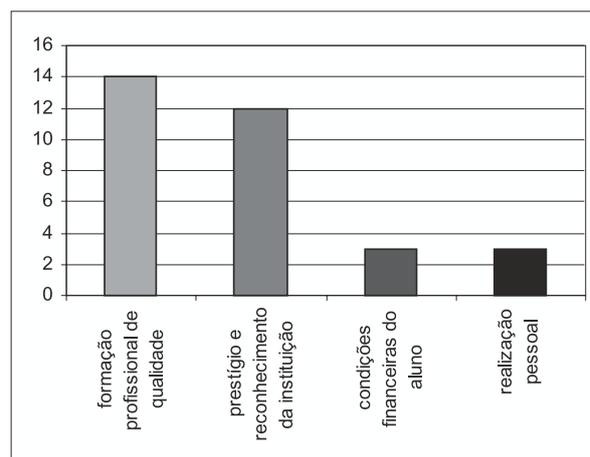


Gráfico 2 - Características da instituição que influenciam na escolha do aluno

Quanto à escolha de outra instituição para obter a formação de pedagogo, os alunos se dividiram: metade deles concordou que faria o curso em outra instituição e nove não concordaram; e houve um indeciso. Quanto às razões apresentadas para não cursá-lo em outras instituições de ensino superior, foram apontadas as seguintes: qualidade de ensino insatisfatória; desvalorização do curso e discriminação no mercado de trabalho.

O prestígio da instituição na cidade é um outro ponto que leva o aluno escolher o local da realização de sua formação.

- *Perfil do pedagogo: expectativas e significado da profissão*

Nesse item, os alunos descreveram o que significa ser pedagogo, e suas respostas se agruparam em: ser capaz de trabalhar aspectos “humanizadores” na

educação; de interferir no processo de construção do conhecimento; de trabalhar com a diversidade (pedagógica e cultural) e de organizar currículos e programas.

Dos 19 entrevistados, nove indicaram ter o perfil para ser pedagogo; dois não sabiam se o possuíam; um afirmou “que este perfil não existe” e os sete restantes não responderam a essa questão. Os dados indicaram que os alunos ainda têm dúvidas quanto a sua formação profissional. Houve relatos descrevendo que não estava claro qual eram a função e as distintas áreas de atuação do pedagogo.

As características pessoais favoráveis e desfavoráveis ao desempenho profissional e às competências pedagógicas, indicadas pelos alunos, foram semelhantes. Apenas no que se refere às características que favorecem o perfil do pedagogo, foi acrescentada a capacidade interpessoal (v. Gráfico 3).

• *Mudanças pessoais ocorridas na trajetória do curso*

Os alunos descreveram as mudanças pessoais oriundas de suas experiências curriculares e apontaram as influências sofridas nas áreas cognitiva e interpessoal.

Na *área cognitiva*: consciência crítica ($n=8$); pluralidade de conhecimentos

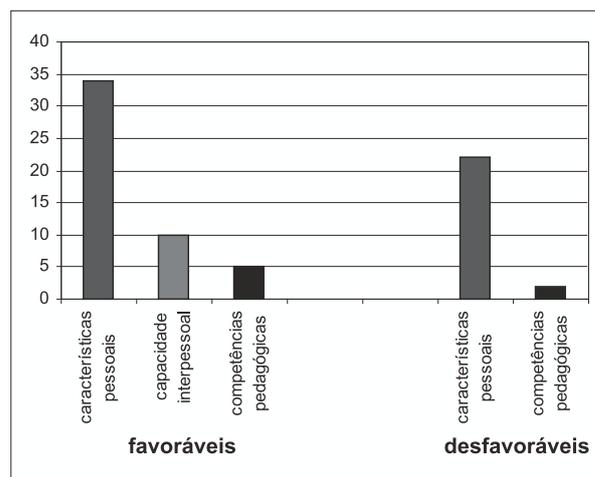


Gráfico 3 - Fatores que favorecem e que desfavorecem o perfil do pedagogo

contextualização dos conhecimentos e constante reavaliação das situações relacionadas ao processo ensino-aprendizagem.

Quanto às descrições na área *interpessoal*, foram indicados: a convivência com a diversidade cultural ($n=4$); o amadurecimento ($n=3$); a flexibilidade para lidar com idéias e posições divergentes ($n=2$) e a superação da timidez ($n=2$). As demais se apresentaram com apenas uma referência cada uma: nível de comunicação; reflexão sobre a vida e a educação; humanização das relações; respeito pelas diferenças individuais; capacidade de conviver em grupo; ampliação da perspectiva de vida e interesse em conhecer novas pessoas.

Os dados indicaram que os alunos ainda têm dúvidas quanto a sua formação profissional... não estava claro qual eram a função e as distintas áreas de atuação do pedagogo.

• *Situações que estimulam ou desestimulam a continuidade do curso*

Entre as situações que estimulam os alunos a superarem o cotidiano e

($n=3$); capacidade de elaboração dos conhecimentos diante da realidade ($n=3$) e melhoria da expressão oral ($n=2$). As descrições restantes receberam uma indicação: vocabulário elaborado; curiosidade pelos assuntos científicos; prazer em ler; ampliação dos conhecimentos e melhoria da aprendizagem;

suas dificuldades, possibilitando-lhes a continuidade dos estudos, foram apontadas a estrutura e a organização do curso, no que se refere à identificação com o curso; às oportunidades para a realização da prática pedagógica; ao projeto curricular que visa à formação básica (e não à formação de especialistas)

e à formação direcionada para a docência.

As situações que dificultam e desestimulam os alunos foram agrupadas da seguinte forma:

a) por parte da universidade: “sucateamento”; falta de professores; sistema de créditos restritos, havendo impedimento para cursá-los em outros departamentos;

b) por parte do curso: pouco investimento na prática educativa; necessidade de disciplinas relacionadas à língua portuguesa; atualização na área midiática; discussão de temas e problemas da modernidade; não-articulação do curso com a demanda de mercado; falta de dinamismo; excesso de conteúdos teóricos; foco restrito na docência; restrição de disciplinas optativas para o curso noturno; descompromisso dos professores em relação ao conteúdo e à aprendizagem dos alunos; exigência do curso incompatível com as condições que a instituição oferece e falta de estímulo do aluno por desconhecer o papel do pedagogo e da Pedagogia na sociedade;

c) pelas condições de trabalho: retorno financeiro aquém de outras profissões; trabalho cansativo e muito desgastante; falta de recursos humanos e materiais para o desenvolvimento do trabalho; massificação e despersonalização do educador; negativismo e resistência dos profissionais que já atuam em relação aos que estão em formação;

d) pelas políticas públicas: pouco investimento na área de educação e nos seus profissionais.

6 Considerações Finais

A subjetividade, o autoconceito e a motivação se constituem os três conceitos nucleares para a compreensão do

ser humano em sociedade. A subjetividade deve ser considerada não apenas como um conceito psicológico em si, mas como um constructo que deve ser foco de atenção também da área educacional e como um reflexo de uma situação pes-

As conclusões parciais deste trabalho revelam que os alunos participantes da pesquisa têm uma percepção favorável do curso de Pedagogia...

soal e social que não deve ser neutralizada ou deturpada pelos avanços sociais e tecnológicos.

Partindo de um modelo sócio-histórico, a pesquisa delimitou o conceito e o alcance da constituição da subjetividade em seus aspectos do autoconceito e da motivação, tendo como base as influências recíprocas entre homem e sociedade.

Como foi visto, as influências pessoais e sociais constitutivas da motivação e do autoconceito levam à reflexão sobre em que medida se deve atuar na sociedade no sentido de minimizar seus efeitos (desigualdades sócio-econômicas, oportunidades diferenciadas de trabalho, etc).

As conclusões parciais deste trabalho revelam que os alunos participantes da pesquisa têm uma percepção favorável do curso de Pedagogia, tanto no que se refere à escolha do curso, considerado atraente e bom, como à valorização da instituição. Além desses fatores, a estrutura e a organização do curso, em aspectos como a oportunidade para realização da prática pedagógica e a formação direcionada à docência, foram mencionadas como aspectos motivacionais.

Ressalte-se, também, que, com relação às mudanças pessoais ocorridas na trajetória do curso, foram apresentadas várias alterações, entre as quais destacamos a consciência crítica e a convivência com a diversidade cultural.

Entretanto, no que se refere à constituição do perfil do pedagogo, qual seja, sua identidade profissional – aspecto importante na constituição da subjetividade –, ainda há muito trabalho para as instituições realizarem com seus alunos, no sentido destes refletirem sobre esse perfil. A pesquisa cons-

A pesquisa constatou que os alunos se encontram inseguros e até mesmo desconhecem as características de um futuro profissional da educação.

tatou que os alunos se encontram inseguros e até mesmo desconhecem as características de um futuro profissional da educação.

Na opinião dos alunos, vários fatores relacionados à universidade, ao curso, às condições de trabalho e às políticas públicas precisam ser superados para a consolidação do curso de Pedagogia.

Existem ainda muitas questões a serem consideradas em um estudo sobre

a subjetividade humana. Conclui-se o trabalho com uma delas: como a subjetividade está se constituindo diante das mudanças tão rápidas e profundas da sociedade? Sabe-se que a explosão da sociedade informatizada, amparada pela revolução tecnológica, muda a maneira de o homem aprender, produzir, trabalhar, pensar e sentir, mas também transforma sua maneira de viver, de ser e de estar no mundo, modificando sua perspectiva de tempo e de espaço e alterando sua personalidade. Deve-se privilegiar o espírito crítico e aberto à realidade e às novas formas de expressão da subjetividade decorrentes das transformações sociais. O momento atual exige reflexão permanente e discussão conjunta e diversificada sobre a existência humana. Não há respostas definitivas. As respostas são válidas, mas são provisórias diante das contradições e da complexidade da época.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, F. C. G. *Personalidade e escolha em administradores: do racional ao trágico*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2003.
- CERQUEIRA, Teresa C. S. *Possíveis influências do autoconceito e do locus de controle sobre o rendimento acadêmico*. 1991. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- COOLEY, E. J.; AYRES, R. R. Self – concept and success – failure attributions of non – handicapped students and students with learning disabilities. *Journal of Learning Disabilities*, v. 21, n. 3, p. 174-178. 1988.
- FIERRO, A. *Lecturas de Psicología de la Personalidad*. Madrid: Alianza Editorial. 1981.
- GARCIA, Ivone. *Algumas discussões relevantes sobre aprendizagem e motivação*. Goiânia: Departamento de Educação, Universidade Católica de Goiás, [s.d.] Mimeografado.
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1985.
- LUMMERTZ, J. G.; BIAGGIO, A. M. B. Relações entre autoconceito e nível de satisfação familiar em adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 38, n. 2, p. 158-166, 1986.
- L'ECUYER, R. *Le concept de soi*. Paris: Presses Universitaires de France, 1978.
- MAGALHÃES-VILHENA, Vasco de (Org.). *Práxis – A categoria materialista de prática social*. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. v. I e II.

- MOSQUERA, J. *Adolescência e provação*. Porto Alegre: Sulina, 1977.
- OLIVEIRA, I. V. *Autoconceito, rendimento acadêmico e escolha do lugar de sentar entre alunos do nível sócio-econômico médio e baixo*. 1991. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- REY, Fernando Luis González. *Pesquisa qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2002.
- . *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo. Pioneira Thomson Learning, 2003.
- SHAVELSON, R. J.; HUBNER, H.; STANTON, G. C. Self-concept: validation of construct interpretations. *Review of Educational Research*, v. 46, n. 3, p. 407-441, 1976.
- TAMAYO, A. EFA: escala fatorial de autoconceito. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 33, n. 4, p. 87-102, 1981.
- TAPIA, Jesus A.; FITA, Enrique C. *A motivação em sala de aula: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- VYGOTSKY, Lev S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.